

## Carta a um jovem investigador em Educação<sup>1</sup>

António Nóvoa<sup>2</sup>

Em Vila Real, no dia 11 de Setembro de 2014

Nunca hesitei tanto na preparação de uma conferência como desta vez. Andei para trás e para a frente. Escrevi e deitei fora. Papéis atrás de papéis. No dia em que perguntei ao meu filho, que anda, também ele, pelas vidas pós-doutorais, que estava a pensar escrever uma *Carta a um jovem investigador*, recebi a resposta que receava: “Hum! A coisa não vai correr bem...”.

Desisti e comecei a preparar uma intervenção mais normal. Mas a carta não me saía da cabeça, e venceu-me.

Aqui a têm, apesar de o género epistolar pertencer a um tempo que já não é o nosso, “porque uma carta fixa a memória do que se diz. E hoje não se diz nada e apenas se fala, que é coisa de se cumprir e esquecer”<sup>3</sup>.

Numa carta, o que interessa é a relação, esse diálogo em que conversamos connosco quando nos dirigimos ao outro, ainda que seja um outro imaginário. Esta é “a forma mais concreta de diálogo que não anula inteiramente o monólogo”<sup>4</sup>.

Uma carta permite maiores liberdades do que outros estilos e, por isso, me atrevo a dar-vos oito conselhos, e ainda um nono, porque nele vai tudo o que me inquieta, tudo o que procuro na vida.

Antes de começar, permitam-me que vos recorde o desafio de David Labaree aos jovens investigadores no seu *sermão sobre investigação educacional*: “Errem, sejam preguiçosos e irrelevantes; e pensem no vosso trabalho como um esforço para equilibrar os valores da verdade, da justiça e da beleza”<sup>5</sup>. É este o meu mote.

---

<sup>1</sup> Conferência de abertura do XII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (Vila Real, 11 de Setembro de 2014). Dada a natureza do texto, foi mantido o seu o formato original.

<sup>2</sup> Universidade de Lisboa

<sup>3</sup> Vergílio Ferreira, *Escrever*, Lisboa, Bertrand Editora, 3.ª edição, 2001, p. 85.

<sup>4</sup> Vergílio Ferreira, *Carta ao futuro*, Amadora, Livraria Bertrand, 3.ª edição, 1981, p. 9.

<sup>5</sup> David Labaree, *A Sermon on Educational Research*, *International Journal for the History of Education*, 2 (1), 2012, p. 74.

## 1. Conhece-te a ti mesmo

E assim componho o meu primeiro conselho – “Conhece-te a ti mesmo” – que, sem surpresa, vou buscar a Rainer Maria Rilke, na sua primeira carta a um jovem poeta: “Está a olhar para fora de si, e é sobretudo isso que não deve fazer agora. Ninguém o pode aconselhar, ninguém o pode ajudar, ninguém. Há uma única via. Entre dentro de si”<sup>6</sup>.

Deixem-me fazer uma confissão: vim parar às coisas da Educação por acaso. Mas, nesse dia, voltei-me para mim, procurei perguntas e respostas, e aprendi a habitar este lugar. Ouvi as palavras de Ricardo Reis: “Põe quanto és no mínimo que fazes”<sup>7</sup>.

Talvez não seja muito importante o que a vida faz connosco; importante, sim, é o que cada um de nós faz com a vida. E não hesito em dizer-vos que a certeza é a distância mais curta para a ignorância. É preciso ter dúvidas. “Não queiras saber tudo. Deixa um espaço livre para te saberes a ti”<sup>8</sup>.

Cada um tem de fazer um trabalho sobre si mesmo até encontrar aquilo que o define e o distingue. E ninguém se conhece sem partir. Sim, parte, divide-te em partes. Sem viagem não há conhecimento<sup>9</sup>. E sempre que se bifurquem os caminhos à tua frente, segue por aquele que tiver sido menos percorrido<sup>10</sup>. É isso que marcará a tua diferença como investigador. Sem coragem não há conhecimento.

## 2. Conhece bem as regras da tua ciência, mas não deixes de arriscar e de transgredir

Depois, conhece bem aquilo que fazes, a tua ciência, o teu campo académico, as regras, as metodologias, as normas da *arteciência* da educação. Conhece-as, mas cumpre-as *q.b.*, *quanto baste*. A investigação ou é criação ou não é nada.

---

<sup>6</sup> Rainer Maria Rilke, Cartas a um jovem poeta, Vila Nova de Famalicão, Edições Quasi, 2008, p. 12 (a carta citada é enviada de Paris, no dia 17 de Fevereiro de 1903).

<sup>7</sup> Fernando Pessoa, Odes de Ricardo Reis, Lisboa, Ática, 1946, p. 148 (o poema está datado de 14-2-1933).

<sup>8</sup> Vergílio Ferreira, Escrever, Lisboa, Bertrand Editora, 3.ª edição, 2001, p. 81.

<sup>9</sup> Referência a uma passagem da obra de Michel Serres, *Le tiers-instruit*, Paris, Éditions François Bourin, 1991.

<sup>10</sup> Referência ao poema de Robert Frost, *The road not taken*, publicado em 1916.

Também tens de compreender bem o ambiente tóxico que, desgraçadamente, hoje se respira na universidade, com *papers* e mais *papers*, plágios e auto-plágios, artigos repetidos, cortados em fatias (que assim rendem mais), numa corrida com muitos números mas sem sentido.

Não te vou aconselhar a recusares frontalmente este mundo. Não tenho o direito de te empurrar para um suicídio rápido. Mas não faças da tua sobrevivência um suicídio lento, vergado a um trabalho alienado, a um produtivismo académico que está a destruir o melhor da cultura universitária.

Sim, é preciso assumir riscos. Se passarmos a vida a evitá-los, renunciaremos à possibilidade de produzir algo interessante, com significado para nós e para os outros. O que importa, na ciência, é a capacidade de ver de outro modo, de pensar de outro modo. Se repetirmos o mesmo, encontraremos o mesmo. Sem transgressão não há descoberta, não há criação, não há ciência.

### 3. Conhece para além dos limites da tua ciência

E assim chego ao meu terceiro conselho – “Conhece para além dos limites da tua ciência” – que vou buscar a um princípio que Abel Salazar fez seu: “o médico que só sabe de medicina, nem de medicina sabe”. E aqui entra a preguiça – ou melhor, o ócio – de que nos fala David Labaree. E como é difícil cultivar o *otium* nesta universidade do *nec-otium*, do não-ócio, do *negotium*.

É preciso ler, ler muito, ler devagar, coisas diversas, coisas inúteis. É preciso pensar, pensar muito, conquistar o tempo de pensar. Se não gostas de ler nem de pensar, podes tornar-te um bom técnico de questionários ou de entrevistas ou de estatísticas ou de outra coisa qualquer, mas não serás um bom investigador.

Nunca te esqueças que inteligência vem de *inter-legere*, da capacidade de interligar. E que complexidade vem de *complexus*, daquilo que é tecido em conjunto<sup>11</sup>. Uma e outra necessitam de uma base de cultura que não se esgota na “caixa” de uma ciência só. O matemático conhecerá melhor o mundo, e a sua própria disciplina, se souber de filosofia; e o historiador se souber de física; e o economista se souber de filosofia; e educador se souber

---

<sup>11</sup> Segundo Edgar Morin e Jean-Louis Le Moigne, *L'intelligence de la complexité*, Paris, L'Harmattan, 1999.

de literatura e... por aí adiante ... num entrelaçar de culturas que é a própria definição de cultura<sup>12</sup>.

As ideias novas estão na fronteira, porque esse é o lugar do diálogo e dos encontros. Talvez seja o momento de te lembrar que grandes descobertas foram feitas por acaso, mas que o acaso nunca é acaso, favorece sempre os olhos preparados para ver<sup>13</sup>. Não há nada mais útil do que o conhecimento inútil. É ele que nos prepara para ver e para pensar fora dos quadros rígidos em que tantas vezes nos deixamos prender.

#### 4. Conhece em ligação com os outros

Hoje, mais do que nunca, o trabalho científico necessita de uma dimensão colectiva, colaborativa. Aqui fica o quarto conselho: “Conhece em ligação com os outros. Perde tempo, conversa, partilha cada passo do teu trabalho”.

Como se diz num belo Manifesto sobre a ciência lenta<sup>14</sup>:

“Precisamos de tempo para pensar, de tempo para amadurecer. Precisamos até de tempo para nos desentendermos uns com os outros, sobretudo quando se trata de recuperar um diálogo perdido entre as humanidades e as ciências”.

A investigação faz-se com saltos e sobressaltos, mas exige uma continuidade de condições, de infra-estruturas e de grupos. É esse património que nos permite chegar onde nunca chegaríamos sozinhos. Não podemos descansar na luta por políticas científicas que valorizem o conhecimento (todo o conhecimento), que valorizem a ciência (como ciência e como cultura). Não podemos aceitar, como infelizmente está a acontecer no nosso país, que haja interrupções, quebras, que se cortem fios que demoram muito tempo a consertar, a reconstruir, a refazer.

Não há universidade, nem ciência, sem debate, sem partilha, sem transmissão de uma herança. Por isso, é tão importante o trabalho colectivo e a dimensão intergeracional, bem presentes na ideia original de seminário, que junta a ciência e o ensino, a pesquisa e a formação avançada. É na con-

---

<sup>12</sup> Referência a uma passagem da obra de Michel Serres, *Le tiers-instruit*, Paris, Éditions François Bourin, 1991.

<sup>13</sup> Referência a uma citação muito conhecida de Louis Pasteur, recolhida num discurso proferido no dia 7 de Dezembro de 1854: “souvenez-vous que dans les champs de l’observation le hasard ne favorise que les esprits préparés”.

<sup>14</sup> The Slow Science Manifesto, lançado em 2010, pode ser consultado na página [www.slow-science.org](http://www.slow-science.org).

versa com os outros, mestres e colegas, que se definem e enriquecem os nossos próprios caminhos.

## **5. Conhece com a tua escrita, pois é isso que te distingue como investigador**

O meu quinto conselho pode parecer-vos excessivo, mas é o que penso depois de muitos anos a orientar teses e grupos de pesquisa: “Conhece com a tua escrita, pois é isso que te distingue como investigador. Se não gostas de escrever, então desiste, dedica-te a outra vida, não foste feito para investigar”.

A escrita académica não é apenas um modo de apresentar dados ou resultados, é sobretudo uma forma de expressão pessoal e até de criação artística. Verdadeiramente, é no momento da escrita que se define o trabalho académico, que cada um encontra a sua própria identidade como investigador.

Não busques a dificuldade inutilmente. Se conseguires usar uma palavra pequena não uses uma grande, se conseguires construir uma frase curta não te deixes tentar por uma longa, se conseguires escrever menos não escrevas mais<sup>15</sup>.

Escreve apenas quando de todo não puderes deixar de fazê-lo. E sempre se pode deixar<sup>16</sup>. A escrita ajuda-nos a conhecer os nossos limites. Não há nada pior para um jovem investigador do que a incapacidade para pôr ponto final no seu trabalho, seja por uma atitude excessivamente autocrítica, seja pela busca de uma perfeição ilusória, seja pelo receio da exposição pública, seja pela mistura de tudo isto.

O dilema só se resolve no dia em que percebermos que não há texto perfeito, nem definitivo, no dia em que sentirmos, na nossa escrita, que temos alguma coisa de importante e de significativo para partilhar com os outros.

---

<sup>15</sup> Parágrafo inspirado no texto de George Orwell, *Politics and the English Language*, in *The collected essays, journalism and letters of George Orwell*, New York, Harcourt Brace Jovanovich, vol. 4 [1945-1950], 1968, p. 139 (obra editada por Sonia Orwell e Ian Angus).

<sup>16</sup> Este apontamento inspira-se no primeiro conselho de Carlos Drummond de Andrade a um jovem: “Só escreva quando de todo não puder deixar de fazê-lo. E sempre se pode deixar” (in *A bolsa & A vida*, Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1962, p. 114).

## 6. Conhece para além das evidências

Chego finalmente ao sexto conselho, directamente relacionado com o campo da Educação. Diz assim: “Conhece para além das evidências, habitua-te a trabalhar numa ciência-do-que-toda-a-gente-sabe e aceita que serás muitas vezes objecto de troça na praça pública”.

Mesmo antigas, as palavras de Daniel Hameline continuam actuais: a educação é a coisa menos conhecida, a que se conhece pior, justamente porque é a coisa mais conhecida, a que se conhece melhor, a coisa que todos conhecem<sup>17</sup>.

Como instaurar conhecimento científico numa área tão saturada de ideias e de certezas, quase sempre definitivas? Eis o que me levou a escrever, há quase dez anos, um livro chamado *Evidentemente*. Porquê evidentemente? Porque em educação, tudo o que é evidente mente<sup>18</sup>.

O problema não está na diversidade, nem sequer na abundância de opiniões, pois todas são legítimas. O problema está na forma como se misturam e se enleiam como se valessem todas o mesmo. Não valem. Em parte, a má reputação das ciências da educação tem origem nesta confusão, que as desacredita.

Precisamos todos de saber que nada disto é novo. Já no final do século XIX se denunciava esta pseudo-ciência, inútil, bacoca, palavrosa, da qual, dizia-se, “os professores devem fugir”<sup>19</sup>. Troçar dos pedagogos era moda naquela época e continua a ser moda nos dias de hoje.

A forma como se construiu o mito do *eduquês*, para melhor o ridicularizar, é, em si mesmo, um exemplo desta confusão. Mas a *doxa* antipedagógica rapidamente se transforma em *orto-doxa*, em ortodoxia, como se prova pelas actuais políticas educativas. Afinal não se tratava de salvar a escola, nem as crianças, nem a cultura, nem o conhecimento, mas apenas e tão só de instaurar um novo poder, uma nova ordem ideológica contrária à escola pública, à democratização do ensino e à igualdade de oportunidades.

Um investigador em Educação tem de aprender a conhecer para além das evidências e a encontrar um equilíbrio que lhe permita lidar com a forma depreciativa como tantas vezes se olha para a sua acção.

<sup>17</sup> Daniel Hameline, *L'éducation, ses images et son propos*, Paris, ESF, 1986, p. 202.

<sup>18</sup> António Nóvoa, *Evidentemente*, Porto, Edições Asa, 2005.

<sup>19</sup> Ver Daniel Hameline, *L'école, le pédagogue et le professeur*, in Jean Houssaye (dir.), *La pédagogie: Une encyclopédie pour aujourd'hui*, Paris, ESF, 1993, pp. 327-341.

## 7. Conhece com a responsabilidade da acção

Em 1942, quando recebeu uma carta do então jovem aspirante a poeta Fernando Sabino, Mário de Andrade deu-lhe algumas sugestões e terminou assim: “E não lhe seria possível botar um bocado mais de *responsabilidade* humana colectiva nas suas obras?”<sup>20</sup>. Uso as palavras de Mário de Andrade para com elas levantar o meu sétimo conselho: “Conhece com a responsabilidade da acção”.

Ninguém pode ser investigador em Educação fechado numa redoma. Quer queiramos quer não, andamos sempre misturados com as práticas, com as instituições, com as políticas. Mais vale reconhecer esta condição do que ignorá-la.

Tal como Licínio Lima, que sobre isto escreveu páginas de grande lucidez, também não me revejo no tecnicismo, na crença ingénua no poder da educação, da pedagogia ou da didáctica para transformar, desde logo a educação escolar, quanto mais a economia e a sociedade. E daqui decorre, naturalmente, que não acredito que seja possível ou desejável orientar as políticas e as práticas educativas segundo critérios predominantemente científicos<sup>21</sup>.

Mas isso não me condena nem à miopia nem à indiferença. Antes pelo contrário. Mudei de pele muitas vezes na minha vida. Mas, de cada vez, procurei fazê-lo reflectindo sobre o meu lugar e a minha responsabilidade. Em Educação, nunca se é apenas investigador, no sentido mais acanhado do termo.

## 8. Conhece com os olhos no país

O nosso compromisso é com a Educação, mas é também com o país, sobretudo neste “tempo negro” que estamos a viver. O oitavo conselho é mais um pedido: “Conhece com os olhos no país. Participa na valorização da ciência e da cultura científica, não aceites voltar ao Portugal passado”.

Há um traço histórico que explica, melhor do que qualquer outro, as nossas fragilidades – e esse traço é a desvalorização crónica da ciência. Estranhamente, há um lastro de justificações que, fatalmente, elogiam o génio português, feito de aventura, de inventividade, de “desenrascanço”,

<sup>20</sup> A carta é de São Paulo, 10-01-1942, e consta do livro De Mário de Andrade a Fernando Sabino - Cartas a um Jovem Escritor, Rio de Janeiro, Editora Record, 1981, p. 15.

<sup>21</sup> Licínio Lima, Investigação e investigadores em educação: anotações críticas, Sísifo – Revista de Ciências da Educação, 12, 2010, p. 68.

mas de pouca ou nenhuma apetência pelo estudo, pelo trabalho ou pela ciência. Isso seriam coisas para os povos do Norte e um dia as novidades cá chegariam... pelo pacote ou pelo comboio<sup>22</sup>.

Não há pior discurso sobre Portugal do que este, porque nos afasta do conhecimento, da cultura e da ciência, porque nos afasta daquilo que constitui a única base para um desenvolvimento que se faz na abertura aos outros, mas não na dependência dos outros.

Uma versão mais sofisticada deste discurso é o novo Deus da excelência, que renuncia à elevação geral da cultura científica para alimentar apenas os “nichos” ditos competitivos e empreendedores. Pobre país, que muda de palavras, mas repete sempre a mesma história.

Por isso, ninguém se pode dizer investigador, sobretudo neste ano de 2014, se não estiver disposto a juntar-se a um combate, que é em defesa da ciência, mas que é sobretudo em defesa do Portugal futuro.

\*

\* \*

Aqui ficam os meus conselhos, que começaram por ser muitos e acabaram em oito. Os outros foram para o cesto de papéis e certamente, se tivesse tido mais tempo, também alguns destes lá teriam ido parar.

Um dia, hei-de conseguir escrever um texto em branco, mas ainda estou longe de o conseguir...

## **+ 1. Conhece com liberdade e pela liberdade**

Anunciei-vos, de início, que seriam oito mais um. O último é o primeiro, porque, sem ele, nada faz sentido, nada me faz sentido: “Conhece com liberdade e pela liberdade”.

Durante muito tempo, o espaço universitário esteve protegido do exterior, fechado sobre si mesmo. Isso dava-lhe uma certa autonomia face a constrangimentos externos, mas conduzia, muitas vezes, a lógicas corpora-

---

<sup>22</sup> Esta passagem retoma uma passagem muito conhecida de Os Maias, de Eça de Queirós: “Aqui importa-se tudo. Leis, ideias, filosofias, teorias, assuntos, estéticas, ciências, estilo, indústrias, modas, maneiras, pilhérias, tudo nos vem em caixotes pelo pacote. A civilização custa-nos caríssimo com os direitos de Alfândega: e é em segunda mão, não foi feita para nós, fica-nos curta nas mangas...” (Porto, Livraria Chardron, 1888, vol. I, p. 146).



tivas, medíocres e autoritárias, e a um insuportável mandarinato universitário.

Hoje, são as influências externas que estão a asfixiar a liberdade, através de lógicas de mercantilização das universidades e de processos empresariais de gestão que multiplicam os dispositivos de controlo e de vigilância da profissão académica. O produtivismo, com todos os seus desdobramentos, está a destruir o espírito crítico, a liberdade de conhecimento e de criação.

Enquanto investigadores temos um dever de desprendimento e de desinteresse, isto é, somos chamados a prender-nos e a interessar-nos por uma causa maior que não cabe nas contas da “universidade empresarial”.

Deixem-me citar, uma vez mais, pela enésima vez, Bernardino Machado: “Uma universidade deve ser escola de tudo, mas sobretudo de liberdade”<sup>23</sup>. No princípio e no fim da investigação está sempre a liberdade. É para isso, e por isso, que tens de trabalhar, de pensar e de escrever.

## **8 + 1 = 9. Noves fora nada.**

Talvez tudo isto seja “nada”, talvez todas as cartas sejam inúteis e nenhum dos presentes precisasse de ouvir esta epístola, mas eu é que precisava de a escrever.

Com uma única certeza: a de que não tenho certezas.

Com um único desejo: que, apesar de todos os constrangimentos, sejam capazes de habitar livremente o vosso lugar como investigadores.

Com uma única convicção: que sem conhecimento, sem criação, sem cultura, não há futuro para este país que parece outra vez perdido.

Talvez nenhum dos presentes precisasse de ouvir esta epístola, mas eu é que precisava de a escrever. Agora, está escrita. E acabou de ser lida perante vós.

---

<sup>23</sup> Bernardino Machado, Oração de Sapiência proferida na Universidade de Coimbra, no dia 16 de Outubro de 1904. Sob o título “A universidade e a nação”, o texto faz parte do *Anuário da Universidade de Coimbra, 1904-1905* (Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. XXIX-XLVI).

